

Para uma “Animação Patrística” da Pastoral

For a “Patristic Vivacity” of the Pastoral

*Fábio Magno de Castro Araújo
Luiz Cláudio Moraes Correia*

Resumo

Pensar nossas práticas pastorais, inclusive nos chamados Círculos Bíblicos, tão presentes em nossas paróquias e ambientes eclesiais diversos, levamos a constatar uma experiência por vezes pouco permeada do autêntico conteúdo das verdades da fé cristã, estas tão vivamente ensinadas pelos Padres da Igreja, homens de grande conhecimento teológico, em seus diversos textos trazidos a nós pela Tradição cristã. Assim, o presente artigo nos leva a refletir sobre a importância de, conhecendo os valiosos e profícuos escritos patrísticos, melhor podermos desenvolver nossa ação pastoral nas diversas comunidades, as quais muito seriam enriquecidas com o que esses sábios escritores nos deixaram em seus escritos. Vê-se, desta forma, que poderíamos falar de uma verdadeira “animação patrística” da Pastoral, pois a sabedoria milenar dos Padres da Igreja se torna bastante atual e estaria sendo vivenciada em nossos círculos de evangelização. O patrimônio teológico, espiritual e pastoral destes autores serve para bem fundamentar certas questões do cotidiano e para levar sabedoria e renovação, com novo ardor cristão, à atividade missionária da Igreja.

Palavras-chave: Teologia Patrística. Padres da Igreja. Pastoral. Igreja Católica.

Abstract

Thinking about our pastoral practices, including the so-called Biblical Studies, so present in our different parishes and ecclesial environments, leads us to see an experience, which sometimes is little permeated with authentic content of the truths of the Christian faith. These contents were so vividly taught by the Fathers of the Church, men of great theological knowledge, in its various

texts brought to us by Christian Tradition. Thus, this article leads us to reflect on the importance of their teachings, knowing the valuable and useful patristic writings. These could better be able to develop our pastoral action in the different communities, in which they would be greatly enriched with these wise writers left us in their writings. In this way, we could speak of a true “patristic animation” of the Pastoral, because the millennial wisdom of the Fathers of the Church, which becomes very current and could be experienced in our evangelization circles of study. The theological, spiritual and pastoral heritage of these authors serves to provide a good base for certain everyday issues and to bring wisdom and renewal with a new Christian fervor to the Church's missionary activity.

Keywords: Patristic Theology. Church Fathers. Pastoral. Catholic Church.

Introdução

Diante dos novos paradigmas presentes na realidade atual, com os quais precisa se confrontar a atividade pastoral e missionária da Igreja, faz-se necessário atentar para o que escreveu o Papa Bento XVI: “Sucedem não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora, um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado”.¹ Diante deste desafio, precisamos dar respostas consistentes e bem fundamentadas.

Ora, o patrimônio teológico, espiritual e pastoral que nos legaram os Padres da Igreja pode servir seguramente para uma renovação constante e um novo ardor na atividade missionária da Igreja. Trata-se de voltar o olhar para a sabedoria dos Padres da Igreja, a fim de recuperar aquele frescor das origens cristãs e adquirir um novo impulso apostólico.

Por isso, este artigo visa responder ao “por quê” de retornarmos à experiência patrística. Procuraremos entender o que têm a nos dizer hoje os Padres da Igreja e como podem iluminar a nossa pastoral. Posteriormente, partiremos para uma breve análise do método teológico dos Padres, a fim de verificarmos o legado que sua reflexão nos deixou, visando, assim, apresentar a proposta de uma “animação patrística da pastoral”.

¹ *Porta Fidei*, 2.

1. Nos Padres da Igreja, o essencial

Os “Pais” da Igreja, popularmente conhecidos como Padres da Igreja, escritores antigos que produziram documentos valiosos da fé cristã, nos remetem à época do início do Cristianismo com seus costumes, vida e práticas religiosas. Tais escritores se sentiam impelidos a defender a fé cristã frente às doutrinas espúrias (heresias) que procuravam minar a autêntica mensagem de Cristo. O próprio nome de “Padre da Igreja” explicita como eram considerados esses escritores eclesiásticos: verdadeiros “pais”. Aliás, era o mesmo sentido que os antigos judeus davam aos experientes rabinos no ensinamento da doutrina judaica. Tais escritores são assim considerados “pais”, mestres, e mesmo transmissores da verdade cristã, que passavam seus ensinamentos a seus discípulos, cientes de estarem transmitindo um depósito confiável de fé, da mesma forma como haviam recebido de seus antecessores. De forma semelhante, a tradição cristã professou esse mesmo entendimento.

Seja aqui mencionado, Pápias de Hierápolis († após 130), citado por Eusébio de Cesareia († 339), que afirmava ter o cuidado de procurar receber notícias daqueles que tinham tido um contato próximo ou, senão, indireto com os próprios Apóstolos. Isto era garantia do recebimento de uma doutrina cristã fidedigna, sinal da verdade:

Em teu favor, não hesitarei em aditar às minhas explanações o que aprendi outrora dos presbíteros e cuja lembrança guardei fielmente, a fim de corroborar a manifestação da verdade. Efetivamente, não aprecio os que falam muito, como acontece à maioria dos homens, e sim os que ensinam a verdade; nem junto dos que relembram preceitos estranhos, e sim junto dos que comemoram os mandamentos do Senhor impostos aos fiéis e nascidos da própria verdade. No entanto, se vinha a determinado lugar algum dos companheiros dos presbíteros, informava-me sobre as palavras dos presbíteros: o que dissera André ou Pedro, ou Filipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor; o que dizem Aristion e o presbítero João, discípulos do Senhor. Não pensava serem tão úteis os ditos provenientes dos livros quanto o que deriva de uma palavra viva e permanente.²

Sabe-se que o estudo do pensamento teológico cristão passa necessariamente pelo estudo dos Padres da Igreja. Alguns deles, bastante próximos dos Apóstolos e, por isso, chamados de Padres Apostólicos; outros,

² PÁPIAS DE HIERÁPOLIS *apud* EUSÉBIO DE CESAREIA, História Eclesiástica, III, 39, 3-4.

que sentiram a necessidade de defender a fé cristã das heresias, portanto, considerados Padres Apologistas (apologia, no sentido de defesa). O estudo desses sábios cristãos sempre baliza o estudo teológico, pois com eles é possível levantar as características da Antiguidade, principalmente no tocante à fé cristã. Esses mestres da antiguidade eram ortodoxos tal como um pai transmitia seus ensinamentos centenários, verídicos e sólidos de conteúdo a seus filhos e netos.

Recorrendo-se a tais fontes seguras, os Padres da Igreja, busca-se reconstruir o passado numa investigação histórica e documental fiel aos acontecimentos de outrora, que remontam aos Apóstolos e, destes, a Cristo. Desta forma, busca-se minimizar, e até mesmo eliminar, o fato de uma pesquisa do historiador ser, por vezes, incompleta e até mesmo falsa, pois o estudioso estará se baseando em fontes históricas fidedignas, já reconhecidas por muitos historiadores e estudiosos em geral. Recorrer aos Padres da Igreja é realizar uma “concentração no essencial”, a qual adquire “um valor ecumênico de primeira importância” porque propicia ao teólogo o desenvolvimento de certo “pluralismo teológico”.³

Luigi Padovese aponta um caminho para se aproveitar os ensinamentos dos Padres da Igreja, citando três princípios que devem reger a hermenêutica da fé para uma correta utilização dos textos patrísticos:

Trata-se, em essência, de “dialogar com os Padres, assumindo em sentido real a expressão “diálogo” como o esforço de um entendimento recíproco e não de uma apresentação de perguntas para confirmar opiniões próprias já consolidadas. Descartado esse equívoco de instrumentalizar o pensamento patrístico em vez de tomá-lo como parâmetro, é preciso levar em conta três princípios que regem o procedimento hermenêutico para uma utilização correta dos textos dos Padres: O *primeiro* é este: um documento do passado, que surgiu num meio cultural diferente, deve ser sempre interpretado e “não pode ser lido como se fosse produzido em linguagem do próprio ambiente” [...]. O *segundo* princípio afirma que todo texto pode ser entendido e expresso também em outros contextos culturais. A tarefa do teólogo consiste em “exculturá-lo”, preservando a mensagem que contém. O *terceiro* princípio faz referência ao sujeito do “recurso ao passado” para a hermenêutica teológica. Ora, o verdadeiro sujeito desta é a comunidade, uma vez que o estudioso, sozinho, somente pode adquirir um conhecimento articulado dos textos patrísticos quando se serve da contribuição especializada de outros [...]. Em essência, a compreensão dos textos patrísticos exigirá um esforço interpretativo em

³ PADOVESE, L., Introdução à Teologia Patrística, p. 37.

três níveis: filológico, histórico e dogmático.⁴

Visando a um consenso geral de sua pesquisa, um historiador deve ter sempre o cuidado de procurar encontrar a verdade sobre o passado da fé cristã, mesmo que esteja fora do seu alcance pelo tempo já decorrido. No entanto, baseando-se em dados do passado, organizados segundo um método científico comprovado e a partir de fontes arqueológicas, patrísticas, literárias, históricas e até oculares, por parte de alguns escritores antigos (histórias dos Padres e Madres da Igreja), o pesquisador visa encontrar um relato interpretado daqueles momentos idos, calcados em fontes fidedignas para suas pesquisas. Assim sendo, estará o historiador apurando sua pesquisa e sua interpretação com fatos históricos do Cristianismo bem fundamentados. Portanto, recorrer a esses escritores antigos, os Padres da Igreja, é fonte segura de pesquisa, pois são até hoje, os pais da fé cristã, já devidamente reconhecidos em sua acuidade histórica e de fé.

Sem dúvida, há que se considerar o papel da proximidade de Deus como ator principal nessa história, especialmente em se tratando de uma história do Cristianismo e da Igreja. Deus quer se fazer presente na história humana, e o faz. Esse Deus, já pregado pela fé monoteísta judaica, quer se fazer um “Deus conosco”, presente no meio do seu povo, inicialmente, mediante símbolos (a Lei de Moisés, a arca da Aliança, o templo de Jerusalém) e, depois, na “plenitude do tempo” (Gl 4,4), se fazendo presente em Jesus Cristo. Crenças e práticas litúrgicas surgem já no Judaísmo e se expandem no Cristianismo, de modo que, estudar a história da Igreja é estudar sobre essa presença de Deus na história atual. Estudar o Cristianismo é analisar a atualidade das palavras de Cristo (o Evangelho) em pleno século XXI; é conhecer e viver o pensamento cristão durante os séculos de sua existência e no hoje. Ao estudar a história da Igreja com seus percalços, descobriremos paralelos de certos acontecimentos atuais e ao longo dos séculos, e da forma como foram solucionados, gerando, assim, certa luz para a solução do problema, pois o estudo do passado ilumina o presente. Desta forma, a história da Igreja serve de inspiração a uma vida espiritual mais voltada para Deus e menos mundana. Conhecer a história dos Padres da Igreja é conhecer nossa história, da mesma forma que para ser mais cidadão é necessário conhecer a história do seu país. Solucionando as falhas do presente com prováveis soluções passadas, melhoramos nossa vida futura e nos preparamos para melhor vivenciar nossa vida espiritual (à luz de Deus) nos anos seguintes.

⁴ PADOVESE, L., Introdução à Teologia Patrística, p. 39-40 (grifos do autor).

Numa época de secularismo como a que vivemos, quanto mais firmes estivermos em nossa fé, bem embasada da história cristã, melhor enfrentaremos as dificuldades do cotidiano. É inegável que a história da civilização ocidental tem seu valor cultural graças à compreensão da religião cristã e de sua importância para o desenvolvimento dessa cultura. A vida religiosa e, no caso, cristã, de uma pessoa só vem a agregar à sua personalidade, fortalecendo seu caráter e fazendo-o mais humano no convívio com os outros.

Assim, a importância do retorno aos Padres, tanto nos estudos teológicos quanto para uma renovação da pastoral, tem sido enfatizada constantemente pelo magistério recente da Igreja.⁵ Num documento da Congregação para a Educação Católica que trata do estudo dos Padres da Igreja na formação sacerdotal assim se lê:

A observação da hodierna realidade eclesial [...] mostra como as exigências da pastoral geral da Igreja e, de modo particular, as novas correntes de espiritualidade reclamam alimento sólido e fontes seguras de inspiração. Diante da esterilidade de tantos esforços, torna-se espontâneo pensar naquele fresco sopro de verdadeira sapiência e autenticidade cristã, que promana das obras patrísticas. É um sopro que já contribuiu, até recentemente, para aprofundar numerosas problemáticas litúrgicas, ecumênicas, missionárias e pastorais, as quais, recebidas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, são consideradas pela Igreja de hoje fonte de encorajamento e de luz.⁶

Logo na introdução, o Documento apenas citado apresenta um possível questionamento quanto ao porquê de se dirigir ao passado quando, na Igreja e na sociedade de hoje, existem tantos problemas e desafios que necessitam ser urgentemente resolvidos. E acrescenta que se pode encontrar uma resposta convincente para este questionamento se dermos uma olhada global para a história da Teologia, se considerarmos atentamente algumas características do clima cultural hodierno, e se prestarmos atenção às necessidades profundas e às novas orientações da espiritualidade e da pastoral.⁷

Com efeito, ao revisarmos as várias etapas da história da Teologia, perceberemos que “jamais a reflexão teológica renunciou à presença

⁵ “Lo studio dei Padri, di grande utilità per tutti, è di necessità imperiosa per coloro che hanno a cuore il rinnovamento teologico, pastorale, spirituale promosso dal Concilio e vi vogliono cooperare. In loro infatti ci sono delle costanti che sono alla base di ogni autentico rinnovamento” (PAOLO VI, PP., Lett. a Sua Em.za. il Card. Michele Pellegrino, p. 471).

⁶ Istruzione, 4.

⁷ Istruzione, 1.

reconfortante e orientadora dos Padres. Ao contrário, essa teve a viva consciência de que nos Padres existe algo de singular, não repetível e perenemente válido, que continua a viver e resiste à fugacidade do tempo”.⁸ Se isto vale no que tange à reflexão teológica, pode ser aplicado também no campo pastoral, pois, como afirmou João Paulo II, “da vida recebida dos seus pais ainda hoje vive a Igreja; e sobre as estruturas postas pelos seus primeiros construtores ainda hoje é edificada, na alegria e na pena do seu caminho e do seu trabalho quotidiano”.⁹

Nos Padres vemos um exemplo de teologia unificada, viva e amadurecida no contato com os problemas do ministério pastoral. Nisto a Teologia Patrística se diferencia bastante da reflexão teológica muito comum no período sucessivo e, infelizmente, presente nos dias de hoje, em que se faz uma “teologia de escrivinha”, caracterizada por um discurso árido e sem uma preocupação com a aplicação na pastoral e na vida espiritual das pessoas.

A respeito dos Padres da Igreja como pastores e da adaptação que os mesmos fizeram da mensagem evangélica ao ambiente em que viveram, se expressou o Papa Paulo VI com as seguintes palavras:

Como pastores, pois, os Padres sentiram a necessidade de adaptar a mensagem evangélica à mentalidade contemporânea e de nutrir com a verdade da fé a si mesmos e ao povo de Deus. Isto fez com que para eles catequese, teologia, Sagrada Escritura, liturgia, vida espiritual e pastoral se fundissem numa unidade vital, e que eles não falassem somente ao intelecto, mas ao homem por inteiro, interessando o pensar, o querer, o sentir.¹⁰

De fato, seu sucessor João Paulo II corrobora que os Padres:

São uma estrutura estável da Igreja, e, em favor da Igreja de todos os séculos, exercem uma função perene. De maneira que todo o anúncio e magistério seguinte, se quer ser autêntico, deve pôr-se em confronto com o anúncio e o magistério deles; todo carisma e todo ministério deve beber na fonte vital da paternidade deles; e toda a pedra nova, acrescentada ao edifício [...] deve colocar-se nas estruturas já por eles postas e a elas soldar-se e ligar-se.¹¹

⁸ Istruzione, 2.

⁹ JOÃO PAULO II, PP., *Patres Ecclesiae*.

¹⁰ PAOLO VI, PP., Discorso del Santo Padre Paolo VI per l'inaugurazione del nuovo istituto di patrologia “Augustinianum”.

¹¹ JOÃO PAULO II, PP., *Patres Ecclesiae*.

Um fator que também serviu para atrair a atenção para os Padres da Igreja e demonstrar a sua atualidade foi a inserção da dimensão histórica no trabalho científico dos teólogos, ocorrida no início do século passado. Com isso, além de se ter chegado a uma maior compreensão das origens cristãs e da evolução histórica de várias questões doutrinárias, ficou bastante evidente o nexos vital existente entre a tradição e os problemas mais urgentes do momento presente, como anteriormente afirmamos. De fato, aquele acesso às fontes e os fatigosos trabalhos de pesquisa histórica não permaneceram fixos numa mera investigação do passado, mas influenciaram os encaminhamentos espirituais e pastorais da Igreja hodierna, inclusive abrindo caminhos para o futuro.¹²

Como se percebe, o retorno à experiência dos Padres da Igreja se demonstra pertinente e até mesmo necessário em vista de uma renovação da pastoral e da necessidade de dar respostas corretas aos desafios que a realidade atual nos apresenta. Ao nos adentrarmos na “teologia sapiencial” dos Padres, notamos que eles, ao invés de um discurso abstrato, “quase sempre preferiram o silêncio da contemplação e o exemplo de vida. Quando, por necessidades pastorais, tiveram que escrever, eles o fizeram somente para expor a Palavra de Deus e fazer ressoar a *vox Ecclesiae*, isto é, a voz da Tradição”.¹³

2. A teologia sapiencial dos Padres da Igreja

O adjetivo “sapiencial” usado para caracterizar a reflexão teológica dos Padres da Igreja se justifica porque eles, “que são ao mesmo tempo teólogos, exegetas, catequistas, criadores de liturgias, homens de oração e de caridade, mestres de vida espiritual, nos ajudam deste modo a recuperar aquela síntese unitária que pode ser eficazmente evocada com o termo “sapiência””.¹⁴ Com efeito, os Padres da Igreja podem ser considerados testemunhas da tradição não apenas por terem contribuído para solucionar os vários problemas teológicos, mas também pelo espírito com o qual fizeram teologia, desenvolvendo um método teológico luminoso e seguro.

2.1. Testemunhas privilegiadas da Tradição

Os documentos do Magistério atribuem aos Padres da Igreja, dentre outras qualificações, a função de testemunhas privilegiadas da Tradição. Com

¹² Istruzione, 6.

¹³ CATTANEO et al., *Patres Ecclesiae*, p. 6 (grifo do autor).

¹⁴ LONGOBARDO, L.; SORRENTINO, D., *Mia sola arte è la fede*, p. 11.

efeito, eles ocupam um lugar todo especial no fluxo da Tradição viva, pois “expressaram as primeiras estruturas de sustentação da Igreja, juntamente com posicionamentos doutrinários e pastorais que permanecem válidos para todos os tempos”.¹⁵ Os Padres aparecem sempre ligados à Tradição, da qual foram contemporaneamente protagonistas e testemunhas, tendo sido os mais próximos do frescor das origens. A partir deles “nós temos o cânon das Escrituras, os símbolos de fé, as regras de vida eclesial, as formas de liturgia, as primeiras grandes sínteses de teologia e de catequese, a reflexão sobre a experiência ascético-espiritual”.¹⁶ Todo um depósito da fé aí reunido, em que Irineu de Lião († 202) se referia ao dizer que “guardou fielmente” a fé, e que tal “depósito” era mesmo comparável a um vaso com conteúdo precioso de grande valor:

Demonstramos, ao mesmo tempo, a constante identidade da pregação da Igreja, em todo o mundo, da doutrina à qual dão testemunho os profetas, os apóstolos e todos os discípulos. Foi isso que mostramos, englobando o princípio, o meio e o fim, isto é, a totalidade da economia de Deus e da sua ação infalivelmente ordenada à salvação do homem e a estabelecer a nossa fé. E nós guardamos fielmente, com cuidado, pela ação do Espírito de Deus, esta fé que recebemos da Igreja, como depósito de grande valor em vaso precioso, que se renova e renova o próprio vaso que a contém.¹⁷

É necessário dizer que esta Tradição, da qual os Padres são testemunhas, é viva e em constante progresso. Segui-la não significa agarrar-se ao passado como tal, mas aderir com senso de segurança e liberdade de impulso àquilo que é essencial, durável e que não muda.¹⁸ Por isso, os Padres “são testemunhas e garantidores de uma autêntica Tradição católica, e a autoridade deles nas questões teológicas foi e permanece sempre grande”.¹⁹ Inclusive, quando era necessário denunciar o desvio de alguma corrente de pensamento, a Igreja sempre se reportou à autoridade dos Padres como garantia de verdade. Neste sentido, já nos chamados Padres Apostólicos, observa-se a intervenção de Clemente Romano († 102) junto à igreja de Corinto a fim de apaziguar os ânimos sobre as “desgraças e adversidades imprevistas, que nos aconteceram

¹⁵ Istruzione, 18.

¹⁶ CATTANEO et al., *Patres Ecclesiae*, p. 9.

¹⁷ IRINEU DE LIÃO, *Contra as heresias*, III, 24,1.

¹⁸ Istruzione, 22.

¹⁹ Istruzione, 23.

uma após outra”,²⁰ segundo ele mesmo descreve no início de sua carta; situação esta, também atestada por Irineu:

No pontificado de Clemente surgiram divergências graves entre os irmãos de Corinto. Então a Igreja de Roma enviou aos coríntios uma carta importantíssima para reuni-los na paz, reavivar-lhes a fé e reconfirmar a tradição que há pouco tempo tinham recebido dos apóstolos, isto é, a fé num único Deus todo-poderoso [...]. Todos os que o quiserem podem aprender desta carta que este Deus é anunciado pelas Igrejas como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e conhecer a tradição apostólica da Igreja, porque mais antiga do que os que agora pregam erradamente outro Deus superior ao Demiurgo e Criador de tudo o que existe.²¹

Nesta citação de Irineu, evidencia-se ainda a importância que este Padre dava à “Tradição apostólica da Igreja”, destacando-se como uma testemunha privilegiada da fé cristã.

No Concílio Vaticano II, os exemplos e os ensinamentos dos Padres, testemunhas da Tradição, foram particularmente avaliados e valorizados, pois graças a eles a assembleia conciliar “pôde tomar a consciência mais viva que a Igreja tem de si mesma e individuar a estrada segura especialmente para o renascimento litúrgico, para um frutuoso diálogo ecumênico e para o encontro com as religiões não cristãs”.²²

Por conseguinte, uma teologia autenticamente cristã deve apoiar-se na Sagrada Escritura e inserir-se em toda a tradição eclesial, dentro da qual o período patrístico merece um interesse todo especial, visto que foi nele que se verificaram os inícios de uma reflexão sistemática sobre a fé. Na busca de responder a certas necessidades pastorais, os autores cristãos dos primeiros séculos elaboraram uma teologia que partia de acontecimentos históricos e se desenvolvia dentro de uma experiência histórica; e, desta forma, acabaram desenvolvendo um método teológico.²³

2.2. O recurso à Sagrada Escritura e o senso da Tradição

O amor que os Padres da Igreja nutriam pela Bíblia era tal que se pode afirmar que os mesmos são, em primeiro lugar e essencialmente, comentadores

²⁰ CLEMENTE ROMANO, Carta aos Coríntios, 1,1.

²¹ IRINEU DE LIÃO, Contra as heresias, III, 3,3.

²² Istruzione, 24.

²³ CATTANEO et al., Patres Ecclesiae, p. 10.

da Sagrada Escritura. É evidente que o método exegético adotado por eles apresenta certos limites:

[Os Padres] não conheciam nem podiam conhecer os recursos de ordem filológica, histórica, antropológico-cultural, nem as temáticas de pesquisa, de documentação, de elaboração científica que estão à disposição da exegese moderna [...]. Mas apesar disso, os seus méritos para uma melhor compreensão dos livros sagrados são incalculáveis.²⁴

O exemplo deles pode, inclusive, ensinar aos exegetas modernos pelo menos dois princípios interpretativos de fundamental importância para evitar distorções no trabalho exegético. Em primeiro lugar, uma aproximação verdadeiramente religiosa ao texto sagrado; e depois, o princípio especificamente católico de uma interpretação que se atém constantemente ao critério de comunhão com a experiência da Igreja.²⁵

Visto que, para os Padres, a Sagrada Escritura era muito importante em suas considerações, é possível afirmar que a teologia deles é uma *teologia bíblica*, donde a principal tarefa que nos cabe é podermos “ler a Escritura no espírito dos Padres, buscando nela o ‘sentido espiritual’ . [...] A leitura espiritual do texto bíblico constituiu uma exigência de atualização”.²⁶

A Instrução da Congregação para a Educação Católica recorda que a Teologia nasce do seio de uma exegese dos textos patrísticos:

A teologia nasceu da atividade exegética dos Padres “*in medio Ecclesiae*”, e especialmente nas assembleias litúrgicas, em contato com as necessidades espirituais do povo de Deus. Aquela exegese, na qual a vida espiritual se funde com a reflexão racional teológica, mira sempre o essencial, ainda que na fidelidade a todo o sagrado depósito da fé.²⁷

Portanto, trata-se de uma reflexão inteiramente centrada no mistério de Cristo, ao qual são reportadas, numa síntese admirável, todas as verdades particulares; de tal maneira que, “seguir os Padres neste itinerário teológico significa colher mais facilmente o núcleo essencial da nossa fé e o ‘*specificum*’ da nossa identidade cristã”.²⁸

²⁴ Istruzione, 26.

²⁵ Istruzione, 26.

²⁶ PADOVESE, L., Introdução à Teologia Patrística, p. 38.

²⁷ Istruzione, 27 (grifo dos autores).

²⁸ Istruzione, 27 (grifo dos autores).

A veneração e a fidelidade dos Padres para com os Livros Sagrados são as mesmas que eles tinham para com a Tradição. Com efeito, eles se consideravam servidores das Sagradas Escrituras, que haviam recebido da Igreja; e era na Igreja e para a Igreja que eles desejavam lê-las e comentá-las, segundo a regra de fé proposta e ilustrada pela Tradição eclesiástica e apostólica.²⁹ Ora, este princípio teológico, que iluminou inteiramente a atividade exegetica e pastoral dos Padres,³⁰ foi confirmado pelo Concílio Vaticano II, segundo o qual na Constituição *Dei Verbum* afirma que “a sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja”.³¹ Consequentemente, pode-se afirmar “que o retorno à Sagrada Escritura, que é uma das características maiores da vida atual da Igreja, deve ser acompanhado pelo retorno à Tradição atestada nos escritos patrísticos, se se deseja que produza os frutos esperados”.³²

2.3. Consciência da originalidade cristã e inculturação

Ao beberem da fonte da Sagrada Escritura e da Tradição, os Padres concluíram que, precisamente é isso que constitui “a norma para julgar a sabedoria humana e para distinguir a verdade do erro”.³³ Esta é outra característica importante e extremamente atual do método teológico dos Padres da Igreja, os quais, em virtude de seu acurado discernimento dos valores e dos limites escondidos nas várias formas da cultura antiga, souberam abrir novas vias em direção à verdade e entrever novas possibilidades para o anúncio do Evangelho. Instruída pelos Padres, a Igreja se esforçou, desde os seus inícios, para adaptar a mensagem do Evangelho à capacidade de todos os públicos, inclusive recorrendo aos conceitos e às línguas dos diversos povos.

²⁹ Istruzione, 28.

³⁰ Sejam aqui mencionados: Cipriano de Cartago († 258), em seu Comentário ao Pai-Nosso; Orígenes († 253), com suas diversas obras sobre as Escrituras (Hexapla, Escólios, Comentários e Homilias); Eusébio de Cesareia, com os Cânones Evangélicos, o *Onomasticon* e Comentários sobre os Salmos; Basílio Magno († 379) em seu escrito Sobre o *Hexaémeron* de rara beleza literária, homilias Sobre os Salmos e Exegeses sobre Isaías; Gregório de Nissa († 394) com sua Exegese Apologética do *Hexaémeron*, Homilias diversas sobre os livros bíblicos e o Comentário ao Pai-Nosso; Hilário de Poitiers († 367) com seu Comentário alegórico ao Evangelho de Mateus e aos Salmos; Ambrósio de Milão († 397), com seu comentário ao *Hexaémeron* e ao Evangelho de Lucas, além de comentários sobre diversos textos bíblicos (Noé, Caim e Abel, Paraíso, Abraão).

³¹ DV 10.

³² Istruzione, 29.

³³ Istruzione, 30.

Em outras palavras, os Padres, conscientes do valor universal da revelação, iniciaram a grande obra de inculturação cristã, como se costuma chamá-la hoje. Tornaram-se o exemplo de um encontro fecundo entre fé e cultura, entre fé e razão, permanecendo um guia para a Igreja de todos os tempos, empenhada em pregar o Evangelho a homens de culturas tão diversas e a operar no meio destas.³⁴

O teólogo italiano A. Amato corrobora esta afirmação ao escrever que, nesta obra de inculturação da fé:

A teologia patrística operou uma verdadeira e própria reinterpretação do dado bíblico num clima cultural diverso daquele hebraico do I século, levando gradualmente a precisar de modo solene e inculturado alguns aspectos fundamentais do kerigma neotestamentário. [...] Para os Padres, a inculturação, como encarnação do Kerigma, é um contínuo processo de demitização e de catarse da cultura, que produz então uma “recriação” ou “reformulação” do dado bíblico-eclesial que é nova quanto à linguagem e o conteúdo, mas ao mesmo tempo é coerente.³⁵

Portanto, tratou-se de um articulado processo de diálogo cultural para encarnar a fé no contexto do tempo, com o desafio de manter íntegra a consciência de fé da Igreja primitiva.³⁶ Todo este esforço revela o ardente desejo dos Padres de não perder de vista a peculiaridade da mensagem cristã e ao mesmo de aproximá-la dos homens, o que evidencia o caráter pastoral de sua teologia, como “serviço pastoral” que busca atender à comunidade. Atesta L. Padovese:

A exegese alegórica por eles [Padres] realizada pode causar-nos algum incômodo, mas não nos deve faltar um sentido de respeito pelo trabalho de mediação que os Padres pretenderam realizar. Não devemos esquecer, enfim, que a leitura espiritual do texto bíblico [...] constituiu uma exigência de atualização. [...] Como testemunhava Tertuliano: “(nós cristãos) nos reunimos para ler as Escrituras Sagradas, para ver se as condições dos tempos atuais nos levam a ter de fazer previsões a partir delas, ou a reconhecer a verdade de certas coisas já acontecidas e já preditas por aquelas Escrituras”.³⁷

³⁴ Istruzione, 32.

³⁵ AMATO, A., *Studio dei Padri e teologia dogmatica*, p. 94-96.

³⁶ Seja aqui lembrado Justino († 165) em sua obra *Diálogo com Trifão*, na qual dialoga com um judeu de seu tempo sobre a fé cristã.

³⁷ PADOVESE, L., *Introdução à Teologia Patrística*, p. 38.

Ora, se Deus entra na história humana, ele se faz presente numa cultura e sua revelação divina se dá num processo de inculturação, necessariamente dentro de certo desenvolvimento progressivo de compreensão da presença de Deus na história. Deus, que é atemporal, faz-se presente no espaço e no tempo. O teólogo França Miranda afirma a importância de considerarmos a inculturação da fé no processo da revelação de Deus:

De fato, a revelação só chega à sua verdade e plenitude quando é *recebida* pelo ser humano. A causalidade aqui é mútua. A revelação deve estimular o ato de fé, e este, por sua vez, reconhecendo e acolhendo o gesto de Deus, permite que aconteça revelação. A ação de Deus, contudo, deve ser primeiramente entendida *como tal*, ainda que imperfeitamente. Para isso, ela deverá necessariamente se situar no horizonte de compreensão daquele a quem Deus se revela. Neste horizonte, existem não só componentes socioculturais, mas também tradições religiosas. Ambos possibilitam a identificação da ação divina que, acontecendo neste mundo, se realiza com “material” (fatos e palavras) que aliás poderia receber uma outra leitura ou interpretação. Deste modo, não podemos separar o processo de revelação do processo de inculturação, já que ambos acontecem simultaneamente na revelação bíblica. Esta conclusão vale também para hoje. Falamos, às vezes, de inculturação sem menção explícita da revelação. Como se a inculturação não fosse a ação de Deus chegando aos nossos contemporâneos, ou a revelação acontecendo em nossos dias. De fato, o discurso sobre inculturação provém da diversidade dos contextos socioculturais, mas no fundo apenas quer afirmar a atualidade da revelação.³⁸

Em se tratando da revelação cristã inserida na história humana, essa inculturação não pode ser feita em oposição aos princípios do Evangelho pregado por Cristo, pois, do contrário, não seria autêntico processo de inculturação da fé cristã. Assim, todas as situações do cotidiano de vida devem espelhar a riqueza do Evangelho, afinal, observa-se que também os próprios Evangelhos canônicos adentraram na vida do povo, adaptando-se à forma, à cultura, ao modo de vida de seus leitores. Ora, quem bem se utilizou das Escrituras na interpretação da fé foram os Padres da Igreja. Suas conhecidas alegorias e vivência da fé sempre estiveram presentes em seus escritos.

³⁸ MIRANDA, M. F., Inculturação da fé e experiência salvífica, p. 10-11 (grifos do autor).

2.4. Senso do Mistério e experiência do divino

O zelo pastoral que consumia os Padres da Igreja, e que estava associado ao trabalho intelectual que desenvolviam, era fruto de uma intensa vida de interior. De fato, como afirma a já mencionada Instrução da Congregação para a Educação Católica, em sua atividade de “teólogos”:

[Os Padres da Igreja] não se serviam apenas dos recursos da razão, mas também daqueles mais propriamente religiosos, oferecidos pelo conhecimento de caráter afetivo e existencial, ancorado na união íntima com Cristo, alimentada pela oração e sustentada pela graça e pelos dons do Espírito Santo”.³⁹

Fica evidente, em suas atitudes de teólogos e pastores, que eles tinham um profundo senso do mistério e a experiência do divino. E este sentimento vivo que tinham do mistério divino os mantinha conscientes da imensidade de Deus, o qual não pode ser reduzido à lógica do entendimento humano.⁴⁰ Num de seus escritos mais magníficos, Agostinho de Hipona († 430) atesta que Deus é a única verdadeira felicidade:

Longe de mim, Senhor, longe do coração do teu servo, que se confessa diante de ti, longe o pensamento de que uma alegria qualquer possa torná-lo feliz. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas àqueles que te servem por puro amor: essa alegria és tu mesmo. E esta é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti. É esta a felicidade, e não outra.⁴¹

Neste breve trecho, Agostinho deixa evidenciar certa humildade como virtude característica dos Padres que, além de humildes, eram conscientes das limitações deste mesmo intelecto humano diante da transcendência divina, como também demonstra, muito oportunamente, uma frase de Cirilo de Jerusalém († 386), dirigindo-se aos catecúmenos: “Quando se trata de Deus, é uma grande ciência confessar a ignorância”.⁴²

Este vivo sentido espiritual que possuíam demonstra que os Padres da Igreja não apenas aprendiam as coisas divinas, mas realmente as experimentavam. Alguns deles, inclusive, eram verdadeiros especialistas da

³⁹ Istruzione, 37.

⁴⁰ PADOVESE, L., Introdução à Teologia Patrística, p. 37.

⁴¹ AGOSTINHO, Confissões, X, 32.

⁴² Istruzione, 38.

vida sobrenatural e comunicavam o que haviam experimentado na contemplação. Eles possuíam uma grande familiaridade com Deus, evidenciada na maneira como se expressavam.⁴³

Como se percebe, a reflexão patrística alimentou uma espiritualidade que nasce da fé, ao mesmo tempo em que a exprime e a aprofunda. Na concepção dos Padres, o teólogo é o místico, que, assim como o discípulo João, fala e dá testemunho porque escutou, viu e tocou (1Jo 1,1). Ademais, como corrobora Padovese, o próprio “conceito que eles têm de teologia é entendido sobretudo como experiência de Deus, mais do que como palavra sobre Deus”.⁴⁴

Pelos motivos elencados, pode-se dizer que os Padres da Igreja continuam atuais para nós, pois eles são representantes de um momento importante e decisivo da teologia da Igreja. Em sua atividade teológica de pastores, eles tinham sempre o critério soteriológico diante dos olhos, ou seja, a teologia que desenvolviam era estreitamente ligada à perspectiva salvífica. Por isso, como afirma Cattaneo et. al., “a reflexão deles jamais é puramente especulativa ou teórica; aquilo que eles têm sempre na mira é a salvação, e, portanto, a utilidade espiritual, não o produto literário por si mesmo”.⁴⁵

Conclusão

Impulsionados pelo método teológico dos Padres da Igreja e pelo zelo com que se entregavam à sua missão de pastores, é possível colher elementos que podem iluminar a nossa ação pastoral hoje, tão questionada e desafiada pelos novos paradigmas de uma sociedade que não possui mais as características próprias da Cristandade.

Como temos visto, a riqueza espiritual e apostólica presente na experiência patrística é inquestionável. Trata-se de um legado tão importante que a supracitada *Instrução* da Congregação para a Educação Católica afirma:

Para que a Igreja continue a crescer é indispensável conhecer a fundo a doutrina e a obra deles, que se distingue por ser ao mesmo tempo pastoral e teológica, catequética e cultural, espiritual e social, num modo

⁴³ Istruzione, 39. Neste mesmo número do documento, lê-se ainda: “i Padri certamente apprezzano l'utilità della speculazione, ma sanno che essa non basta. Nello stesso sforzo intellettuale per capire la propria fede, essi praticano l'amore, che rendendo amico il conoscente al conosciuto (Clemente Aless., *Stromata* 2, 9: PG 8, 975-982), diventa per la sua stessa natura fonte di nuova intelligenza”.

⁴⁴ PADOVESE, L., Introdução à Teologia Patrística, p. 38.

⁴⁵ CATTANEO et al., *Patres Ecclesiae*, p. 15.

excelente e, pode-se dizer, único em comparação ao que aconteceu em outras épocas da história. É precisamente esta orgânica unidade dos vários aspectos da vida e da missão da Igreja que torna os Padres tão atuais e fecundos também para nós.⁴⁶

No entanto, cabe-nos ainda questionar como se pode entender uma animação patrística da pastoral?

Já há alguns anos se fala, a nível eclesial, da necessidade de uma “animação bíblica da pastoral”.⁴⁷ Esta não pode ser identificada com a “pastoral bíblica”, entendida “como ato de ler a Bíblia em grupo, através de círculos bíblicos, grupos de reflexão, de estudo ou oração”.⁴⁸ Seria reduutivo pensar a animação bíblica desta forma, pois ela seria uma pastoral como as outras. Tampouco deve ser confundida, como menciona o Documento da CNBB sobre os Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja:

[A animação bíblica não deve ser confundida] com uma movimentação pastoral eufórica, cujo estandarte seja a Sagrada Escritura. Diversamente, o termo “animação” deve ser tomado aqui em sua concepção originária de “ação ou efeito de dar alma ou vida”. Sob esta perspectiva, entende-se por *animação bíblica* de toda a pastoral a busca consciente e contínua de ter a Sagrada Escritura como alma da missão evangelizadora da Igreja,⁴⁹ como também deve ser ela a alma da teologia.⁵⁰

A partir desta compreensão de “animação bíblica”, e de tudo o que neste artigo foi apresentado, consideramos que uma “animação patrística da pastoral” possa ser entendida como a aplicação, em nossa missão evangelizadora, daquele modelo pastoral sapiencial cultivado e praticado pelos Padres da Igreja, no qual não há separação entre a reflexão teológica e a espiritualidade; a Sagrada Escritura é realmente a alma da teologia e inspira todo o *ser e agir* evangelizador eclesial; isto é, “tudo na ação pastoral e no ensinamento deles é reconduzido a Cristo, via universal de salvação”.⁵¹

Existe, portanto, uma profunda conexão e complementaridade entre a *animação bíblica* e a *animação patrística* da pastoral. Talvez seja melhor até falar de “animação bíblico-patrística da pastoral”. Esta, seguramente, iria evitar

⁴⁶ Istruzione, 47.

⁴⁷ CNBB, Doc. 97, 29-35.

⁴⁸ CNBB, Doc. 97, 30.

⁴⁹ DAp 248.

⁵⁰ CNBB, Doc. 97, 32 (grifo dos autores).

⁵¹ Istruzione, 46.

algumas distorções, como uma certa unilateralidade que se percebe em alguns métodos exegéticos⁵² e também as dificuldades provenientes de concepções distorcidas da Tradição, como se esta não fosse viva, não progredisse, e fosse a mera repetição de modelos passados.⁵³

Uma “animação bíblico-patristica da pastoral” significará também o resgate da dimensão mistagógica da catequese, pois os Padres eram verdadeiros mistagogos, ou seja, introduziam as pessoas no Mistério do Deus vivo. Acreditamos também que até mesmo o fatigoso caminho de aplicação da Iniciação Cristã em nossa catequese será melhor absorvido se houver um contato, ainda que insipiente, dos catequistas com os textos dos Padres. Ademais, cremos ainda que haverá um resgate da liturgia como *locus theologicus*, pois foi também no âmbito litúrgico que os Padres da Igreja, de modo brilhante, fizeram Teologia e alimentaram os fiéis com a Palavra de Deus.

Em suma, a animação patristica da pastoral significará impregnar toda a ação apostólica com o zelo e o fervor que animava os Padres da Igreja, cujos escritos demonstram que eles se sentiam envolvidos com os problemas pastorais do seu tempo.⁵⁴

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **Confissões**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Patristica, 10). Versão *e-book*.

⁵² “Si riflette negativamente sugli studi patristici anche una certa unilateralità, che si avverte oggi in vari casi nei metodi esegetici. L’esegesi moderna, che s’avvale degli aiuti della critica storica e letteraria, getta un’ombra sui contributi esegetici dei Padri, i quali vengono ritenuti semplicistici e, in sostanza, inutili per una conoscenza approfondita della Sacra Scrittura. Tali orientamenti, mentre impoveriscono e snaturano la stessa esegesi, rompendone la naturale unità con la Tradizione, diminuiscono indubbiamente l’estima e l’interesse per le opere patristiche. L’esegesi dei Padri, invece, potrebbe aprirci gli occhi ad altre dimensioni dell’esegesi spirituale e dell’ermeneutica che completerebbero quella storico-critica, arricchendola di intuizioni profondamente teologiche” (Istruzione, 9).

⁵³ “In alcuni casi infatti al posto della concezione di una Tradizione viva, che progredisce e si sviluppa con l’avanzare della storia, se ne ha un’altra troppo rigida, detta a volte ‘integrista’, che riduce la Tradizione alla ripetizione di modelli passati e ne fa un blocco monolitico e fisso, che non lascia alcun posto al legittimo sviluppo e alla necessità della fede di rispondere alle nuove situazioni. In tal modo si creano facilmente pregiudizi nei confronti della Tradizione come tale, i quali non favoriscono un accesso sereno ai Padri della Chiesa” (Istruzione, 10).

⁵⁴ Istruzione, 45.

AMATO, A. *Studio dei Padri e teologia dogmatica*. In: DAL COVOLO, E.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). **Lo studio de Padri della Chiesa oggi**. Roma: LAS, 1991. p. 94-96. (Biblioteca di Scienze Religiose, 96).

BENTO XVI, PP. **Carta Apostólica *Porta Fidei***: Com a qual se proclama o Ano da Fé, 2011. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CATTANEO, E. et al. **Patres Ecclesiae**: Una Introduzione alla Teologia dei Padri della Chiesa. Trapani: Editore Il pozzo di Giacobbe, 2008. (Collana “Oí Christianoi” – sezione antica, 5).

CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas / Paulus, 2007.

CLEMENTE ROMANO. Primeira Carta de Clemente aos Coríntios. In: PADRES APOSTÓLICOS. **Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirra, O Pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014. p. 12-47. (Coleção Patrística, 1). Versão *e-book*.

CNBB. **Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja**. 50ª Assembleia Geral, Aparecida-SP, 18 a 26 de abril de 2012. São Paulo: Paulinas, 2012. (Doc. 97).

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*: sobre a Revelação Divina. In: CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos e declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. p. 121-139.

CONGREGAZIONE PER L'EDUCAZIONE CATTOLICA. **Istruzione sullo studio dei Padri della Chiesa nella formazione sacerdotale** (10 de novembro de 1989). Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19891110_padri_it.html>. Acesso em: 25 out. 2020.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Patrística, 15). Versão *e-book*.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**: Denúncia e refutação da falsa gnose. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Patrística, 4). Versão *e-book*.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta Apostólica *Patres Ecclesiae***, no XVI Centenário de São Basílio (2 de janeiro 1980). Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1980/documents/hf_jp-ii_apl_02011980_patres-ecclesiae.html>. Acesso em: 15 jun. 2018.

LONGOBARDO, L.; SORRENTINO D. **Mia sola arte è la fede**. Paolino di Nola teologo sapienziale. Napoli: Eurocomp, 2000.

MIRANDA, M. F. Inculturação da fé e experiência salvífica. **Atualidade Teológica**, v. 2, n. 3, p. 9-24, jul./dez. 1998.

PADOVESE, L. **Introdução à Teologia Patrística**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

PAOLO VI, PP. Lett. a Sua Em.za il Card. Michele Pellegrino: per il centenario della morte di J. P. Migne, 10 maggio 1975. **AAS**, n. 67, p. 471, 1975.

PAULO VI, PP. **Discorso del Santo Padre Paolo VI per l'inaugurazione del nuovo istituto di Patrologia "Augustinianum"** (4 de maio de 1970). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1970/documents/hf_p-vi_spe_19700504_inaugurazione-augustinianum.html>. Acesso em: 25 mai. 2018.

Fábio Magno de Castro Araújo

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: fmcastroaraujo@gmail.com

Luiz Cláudio Moraes Correia

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: luizclaudio.me@gmail.com

Recebido em: 07/05/2020
Aprovado em: 10/11/2020